

**TESSITURAS**



**PRETAS**

Marcel Pereira Santos  
Cintia Almeida da Silva Santos  
Organização

Cintia Almeida da Silva Santos

Marcel Santos

# TESSITURAS



# PRETAS

Araraquara

Letraria

2022

# FICHA CATALOGRÁFICA

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tessituras pretas [livro eletrônico] / Cintia Almeida da Silva Santos...[et al.]; Cintia Almeida da Silva Santos, Marcel Pereira Santos, organização. - Araraquara, SP: Letraria, 2022.

PDF.

Outros autores: Marcel Pereira Santos, Carlos S. Leonardo Jr., Fernanda Massi.

ISBN: 978-85-69395-98-0

1. Ancestralidade 2. Antirracismo 3. Literatura brasileira - Coletâneas 4. Mulheres negras na literatura I. Santos, Cintia Almeida da Silva. II. Santos, Marcel Pereira. III. Leonardo Junior, Carlos S. IV. Massi, Fernanda.

22-113792

CDD-B869

### Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Antologia B869  
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

# SUMÁRIO

**Apresentação: É necessário evocarmos nossas Rainhas Pretas!** 5  
Cintia Almeida da Silva Santos e Marcel Pereira Santos

**Palavras da editora** 8  
Fernanda Massi

## TEXTOS

**Leia Escritas Femininas Negras** 11  
Cintia Almeida da Silva Santos

**Quando ela passa** 14  
Cintia Almeida da Silva Santos  
Marcel Pereira Santos

**O sabão mágico** 18  
Carlos S. Leonardo Jr.

**Racista, eu?** 23  
Fernanda Massi

**INDICAÇÃO DE LEITURAS** 27

**SOBRE OS AUTORES** 29

# APRESENTAÇÃO: É NECESSÁRIO EVOCARMOŞ NOSSAS RAINHAS PRETAS!

**Marcel Pereira Santos**

**Cintia Almeida da Silva Santos**

Nesse *e-book*, o leitor encontrará quatro capítulos, de diferentes autores, que foram selecionados no edital “Temáticas antirracistas”, realizado pela editora Letraria, de fevereiro a maio de 2022.

O texto “Leia escritas femininas negras”, o primeiro deste *e-book*, foi escrito por Cintia Almeida da Silva Santos e enaltece alguns dos grandes nomes de nossa epistemologia e de nossa literatura negra. Se apresenta como um convite, como uma provocação para que a sociedade conheça, leia, cite e evoque essas e tantas outras mulheres pretas brasileiras que fizeram e fazem história.

O segundo texto, também de autoria de Cintia, em coautoria com Marcel Santos, se chama “Quando ela passa”. Trata-se de uma poética para falar de trabalho doméstico e de como a mulher negra é colocada “neste lugar”. Indicamos aqui alguns grandes nomes de mulheres com vasto legado que perpassam a filosofia, a história, a literatura e a sociologia brasileira, tais como: Lélia Gonzalez, Maria Beatriz Nascimento, Djamila Ribeiro, Preta-Rara, Juliana Teixeira, Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, Sueli Carneiro... para que a sociedade tenha contato com as escritas e os contributos dessas mulheres.

O terceiro texto, de Carlos S. Leonardo Jr., chama-se “O sabão mágico” e a leitura nos chamou muito a atenção. Não tivemos como não nos emocionar e nem como não remeter o material ao livro *O olho mais azul* de Toni Morrison.

Fernanda Massi é a autora do último texto: “Racista, eu?”. Sua leitura nos fez lembrar de um programa disponível no YouTube chamado “Diálogos construtivos”. Nele, o jornalista Orlando Mota entrevista o sociólogo Matheus Tobias e fala que “somos um país racista, sem racistas”. O vídeo está disponível neste *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=46PIGHRyAP0>.

Ao longo da história brasileira, as mulheres pretas sofreram e ainda sofrem com o apagamento de suas contribuições, percebidas na escrita, nos movimentos sociais, na educação, na saúde, na dança, na engenharia, nas artes, na ciência, na tecnologia, enfim, nas mais variadas áreas do conhecimento.

Os estudos de Beatriz Nascimento (2021) destacam a importância de uma história brasileira feita por mãos negras, destacam a importância e a relevância de estudos e reflexões sobre o levantamento da vivência histórica do negro no Brasil, partindo de seus descendentes, pois são estes que vivenciam na prática a herança colonial.

E é nos descendentes que continua a luta por liberdade, por notoriedade, por equidade e por dignidade. Neste sentido, o termo “escrevivência”, cunhado por Conceição Evaristo, compreende a conjuntura em que uma mulher negra escreve, partindo de suas experiências e dores, manifestadas nas palavras os atravessamentos e as interseccionalidades de raça, classe e gênero.

Assim, é urgente que os movimentos e lutas pela visibilidade e pela publicidade dos inúmeros contributos femininos negros continuem vindo à tona, objetivo do referido texto.

Ribeiro (2019) destaca a importância de práticas antirracistas para uma vivência mais justa, equânime. A escrita e a leitura podem ser caminhos, podem ser portas de entrada para compreensão e prática de efetiva mudança. Caminhos para conhecimento, emancipação, créditos, citação, evocação, enaltecimento.

A oportunidade que o edital “Temáticas antirracistas”, idealizado pela Editora Letraria, nos oferece, vai ao encontro do que o texto propõe, pois oportuniza formas de darmos visibilidade às histórias apagadas, poesias esquecidas, nomes rasurados, escondidos, alterados, engavetados, censurados.

Portanto, um questionamento e um convite são feitos aqui:

Quantas mulheres negras você já leu?

Vamos ler as escritas femininas negras?

Tanto o convite quanto o questionamento partem de duas pessoas que estão no início do percurso do “descobrir-se e tornar-se negro”.

Souza (1983) destaca a importância de possuímos um discurso sobre nós, como forma de exercermos nossa autonomia. A leitura das escritas femininas negras é um dos caminhos para a elaboração e concretização desse discurso, dessa identificação e aceitação.

Isto posto, nós, enquanto organizadores deste *e-book* e autores deste capítulo, manifestamos nossa caminhada e compromisso com relação ao questionamento e ao convite, feitos aqui.

Para nós, essa construção identitária e histórica está apenas no começo e já se manifesta dolorosa, porém libertadora, forte e singular, pois estamos construindo e solidificando nosso discurso, nossa autonomia, nossa identidade.

Que possamos evocar cada vez mais nossas Rainhas Pretas, nossas ancestrais, que possamos lê-las, mergulhar em suas propostas literárias, em seus relatos de experiência, suas crônicas, poesias, cordéis, desabafos, causos e escrevivências!

Salve Rainhas Pretas!

Axé!

## REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Beatriz; RATTIS, Alex (Org.). **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

# PALAVRAS DA EDITORA

## Fernanda Massi

A editora Letraria atua desde 2013 com o objetivo de compartilhar o conhecimento. Demos início à edição de livros digitais (os *e-books*) com a publicação da obra *Onde estaes Felicidade?*, de Carolina Maria de Jesus. Esse *e-book* foi publicado em coedição com a Me Parió Revolução e foi organizado por duas grandes pesquisadoras de Carolina: Maria Nilda de Carvalho Motta (Dinha) e Raffaella Fernandez. O *e-book* traz textos originais da Carolina além de sete ensaios acadêmicos sobre a autora e um ensaio fotográfico. Ele está disponível para *download* gratuito neste *link*: <https://www.letraria.net/onde-estaes-felicidade/>

Desde então, a Letraria já publicou mais de 200 títulos, incluindo tanto livros digitais quanto livros impressos. São abordados inúmeros temas, para diferentes públicos e escritos pelos mais diversos autores. Todos eles têm em comum um nobre objetivo: **serem lidos!** A disponibilização gratuita dos *e-books* e a venda dos livros impressos por preços acessíveis contribui para ampliar essa rede de divulgação do conhecimento.

Nessa mesma linha, a Letraria tem lançado, desde 2020, editais de publicação. O edital é um convite que a editora faz para que qualquer pessoa possa participar de uma publicação coletiva, com um custo muito mais baixo. Todo o trabalho de edição é feito pela Letraria e os autores pagam apenas uma taxa de participação.

O edital que deu origem a este *e-book* foi lançado em fevereiro de 2022 com o título “Temáticas antirracistas”. Dele poderia participar qualquer pessoa, com ou sem experiência de escrita, residente em qualquer lugar do mundo. A inscrição era gratuita e foi feita de forma remota (*on-line*), a fim de facilitar ainda mais a participação dos autores.

A chamada pública ficou aberta durante 3 meses e foi divulgada em todos os canais que conseguimos acessar: rádio, internet, *podcast*, *sites*, redes sociais, *e-mail*... Contrariando nossa expectativa, tivemos baixíssima adesão: apenas 2 inscritos nos primeiros 2 meses. Resolvemos ampliar ainda mais a divulgação e prorrogar o prazo por mais 30 dias, período em que recebemos apenas mais 1 inscrito.

Como nosso objetivo é provocar o debate antirracista e enxergar maneiras de mudar essa realidade em pequenas ações do cotidiano, resolvemos aprovar todos os textos inscritos. Entretanto, tivemos mais uma surpresa quando dois dos autores selecionados simplesmente ignoraram nossas tentativas de contato e não deram continuidade à publicação.



Em respeito ao único autor que confirmou sua inscrição, aos organizadores Cintia e Marcel, que tanto se empenharam na divulgação, e à equipe da Letraria, que trabalhou arduamente para viabilizar esse edital, resolvemos prosseguir com a publicação. Para complementar o *e-book*, os organizadores escreveram 2 textos e eu, editora, também dei o meu depoimento.

Nós sabemos que o racismo ainda está muito forte e presente em nossa sociedade e quanto mais estudarmos esse assunto, mais conseguiremos enxergar como ele se manifesta: por olhares, atitudes, expressões, posturas... Como explica a Djamila Ribeiro e vários outros autores, o racismo é estrutural e a gente precisa primeiro aceitar que nossa sociedade é racista para então pensarmos em uma mudança.

**TEXTOS**

# LEIA ESCRITAS FEMININAS NEGRAS<sup>1</sup>

**Cintia Almeida da Silva Santos**

---

<sup>1</sup> Texto adaptado do material produzido para o projeto “Em alto e bom som”, idealizado e coordenado por Rodrigo Vulcano Zanil, e veiculado pelas ruas de Araraquara durante o mês de maio de 2021.

Leia para você  
Leia para aprender  
Para refutar  
Para argumentar  
Para distanciar  
Leia Lélia Gonzalez

Leia para espairecer  
Leia por prazer  
Por fuga  
Para evitar a ruga  
Leia Maria Firmina dos Reis

Leia por indicação  
Por prescrição  
Por irritação  
Leia em alto e bom tom  
Leia Djamila Ribeiro

Leia e respire  
Leia e inspire  
Grite e leia  
Leia Maria Beatriz Nascimento

Também creia  
Naquilo que você lê  
Desde que não seja *fake news*  
Pois existem muitas por aí  
Querendo muitos *views*  
Leia Nilma Lino Gomes

Leia para seus filhos,  
Que eles também  
Possam ler para você  
Leia Carolina Maria de Jesus

Leia por tudo isso,  
Leia para conhecer  
As escrituras de Conceição Evaristo

Leia as crônicas de Cidinha da Silva  
Os cordéis de Jarid Arraes  
As poesias de Luciene Nascimento  
Os estudos de Sueli Carneiro

Para ter repertório  
Um saber notório  
E também alento  
Neste universo de tanto apagamento

Leia, releia  
Também escreva  
Para que assim  
Outras e outros possam ler você  
Leia escritas femininas negras brasileiras

# QUANDO ELA PASSA\*

Marcel Pereira Santos

Cintia Almeida da Silva Santos

Quando ela passa  
É Maria, mas não tá cheia de graça  
Tá é nos corres  
Pra alimentar as bocas  
Dos seus que não são os meus

Quando ela passa  
A acolho em minha casa  
Para limpar tudo  
Cuidar dos meus filhos  
Organizar os espaços  
Para eu receber meus amigos  
Mas ela não se senta à mesa comigo

Quando ela passa  
É Maria, que vai em casa  
Para pouco ganhar  
E nada de registrar  
Já que ela é quase da família  
E se não fosse eu, nem o de comer teria

Quando ela passa  
Não me incomodo  
Por ela não estar nos mesmos lugares que eu  
Afim de contas  
Formada eu sou

Quando ela passa  
Os dela ficam  
Sem seu afeto  
Muitas vezes, sem um teto  
Digno para descansar

Quando ela passa  
A vida dela passa  
As oportunidades dela passam  
E a dignidade nem a vem visitar

Quando ela passa  
Nem é de se espantar  
Pois, Deus ajuda  
Quem cedo madruga  
Em lençol de seda, dentro da Casa Grande

Mas Maria, que madrugou bem mais cedo,  
Não tem sido ajudada  
Tem é sua vida usurpada  
Relegada

E mesmo assim Maria passa  
Maria segue  
Sem estrutura e sem respeito  
Neste Brasil colonial  
Onde a desigualdade é normal

E que bom que é assim  
Pois, dessa forma,  
Sobre mais para mim  
Nesse ciclo sem fim

Quando ela passa  
Tem seu lugar definido  
Na estrutura social  
Sendo tudo isso normal  
No Brasil da “perfeita” democracia racial

Maria passa com sua cor  
Com sua dor  
Passa com a falta  
Com o sortilégio  
De não ter pra si  
Nenhum privilégio

#leiamulheresnegras  
#sejaantirracista



## **\*IMPORTANTE SABER**

Em 2022, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) lançaram, sob organização de Luana Pinheiro, Carolina Pereira Tokarski e Anne Caroline Posthuma, uma coletânea de textos sobre a temática “Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil”. A publicação, de acesso gratuita, pode ser acessada através do *link*: <https://bit.ly/3PX8Eh6>

A obra da escritora, historiadora, *rapper*, influenciadora digital e ativista, Preta-Rara “Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada” publicada pela editora Letramento nos apresenta relatos das atrocidades que acometem as empregadas domésticas, das rotinas desumanas, dos salários miseráveis, do apagamento, entre outras mazelas.

# O SABÃO MÁGICO

Carlos S. Leonardo Jr.

Depois da aula, Nicolas retorna caminhando para casa, uma atividade de meia hora atravessando dois bairros pacatos. Desta vez, ele encontra na vitrine de um supermercado um cartaz dividido em dois atos: no lado esquerdo, uma mulher de pele marrom e melancólica toma banho com um determinado sabão; no lado direito, a mesma mulher aparece mais branca e alegre, segurando com carinho a barra de sabão próxima do peito. “Limpeza profunda e eficaz”, “Remove até as piores sujeiras”. Então é isso o que me causa tanta coceira?, uma espécie de sujeira que me cobre o corpo?

Nicolas está sempre se coçando. A dermatologista solicitou vários exames clínicos e concluiu que não existem evidências de processos alérgicos no seu organismo. Mas Nicolas está sempre se coçando, às vezes de forma tão severa que se abrem feridas em sua pele negra. O que você sente quando está se coçando, garoto?, a mãe pergunta com olhos d’água. O menino tranca a cara, para de se arranhar, enrola algumas palavras com o rosto torcido, tem uma casca, me incomoda.

Há poucos dias, a mãe, ainda com o jaleco e o turbante contaminados do laboratório, segurou as mãos do filho de forma acolhedora, acariciou a pele dele, negra como a sua, mas acabou impaciente. É coisa da sua cabeça, você não tem problema algum. Trate de se animar, vamos passar o fim de semana no sítio dos seus avós. Você pode montar no cavalo desta vez.

O rosto do garoto contraiu-se novamente. Não gosto de ir lá, a gente tem que ficar rezando a cada bola do rosário. A mãe balançava a cabeça bufando. São seus avós, eles te amam, é só fechar os olhos e fingir, mexa os lábios para parecer mais verdadeiro. Com os olhos fechados, pode-se ter o que quiser. Até quando a escuridão?

A tensão familiar apareceu nos galhos mais novos da árvore genealógica: os pais de Nicolas são as ovelhas radioativas da família: são ateus em meio a católicos fervorosos. Seu pai frequentara por alguns anos terreiros de umbanda, ainda nas reminiscências da religião de origem dos pais, avós de Nicolas, mas depois da graduação em química passou a rejeitar qualquer misticismo, essas lendas e fábulas, como ele alegava. Os avós converteram-se ao cristianismo e não faltavam às missas. A mãe nunca fora religiosa e tinha sido a responsável por arrastar o marido para a química e o ateísmo.

Assim, Nicolas e os pais trocavam as idas às igrejas por idas aos teatros, trocavam as orações ao redor da mesa por curiosidades sobre os alimentos, trocavam as Bíblias por livros de Divulgação Científica, as novenas por passeios pela Natureza. Nicolas não temia um suposto mal sobrenatural, pois também não temia um bem sobrenatural. O adolescente de apenas 13 anos não chorava em noites de tempestade porque tinha consciência do significado dos estrondos e entendia que não havia problema algum em olhar para os espelhos. Não temia o

escuro porque estava certo de que nele existiam apenas os objetos ao seu redor e nenhuma entidade o perscrutando. O que Nicolas realmente temia estava em algum espaço entre a tonalidade marrom da sua pele e o julgamento do outro, da legião estrangeira.

É em meio ao clarão do dia que ele é perscrutado pelos colegas da escola, que sussurram palavras cruéis disfarçadas de frases extrovertidas, palavras malditas que devem ser proferidas por demônios. No reflexo dos espelhos, é a sua própria imagem que lhe atinge como o raio de uma tempestade eterna. Quando eu era um menino, muito criança ainda, disseram-me que sou feio, falaram tanto do meu cabelo que quis raspá-lo. Eu apertava minhas narinas com os dedos.

Mamãe disse que sou perfeito, papai também, lábios e nariz bonitos, olhos de jabuticaba, pura melanina. Todos me abraçam tão forte, mas como vou saber se isso foi superado? Como vou saber se eles já não se lembram mais? Alguns alunos que também são negros não mexem um dedo para me defender, alguns dos agressores são eles próprios. Meus pais e avós maquiavam os hematomas do meu rosto e do coração, devolvem com um sorriso perdido os insultos na rua, querem ser a família branca e sorridente do comercial de margarina.

Nicolas não encontrava sua dor nas Bíblias pesadas dos avós, ele não fazia parte das suas orações, os santos de gesso branco não lhe estendiam a mão. Também não encontrava sua dor em nenhum dos livros de ciências da biblioteca particular dos pais, não existia espaço para ele nos conteúdos científicos, ele não fazia parte da Natureza que os pais tanto admiravam. Sua dor estava espalhada por toda a pele, era uma febre, uma infecção radioativa. Por isso ele quer o sabão, tem urgência pela limpeza, pelo brilho, pelo branquíssimo e perfumado. Por que sabão e não sabonete? Porque sabonete era para humanos, sabão era para coisas.

Os avós diriam que este sabão é milagroso, obra do Deus, mágico, portanto. Os pais certamente ficariam agitadíssimos e formulariam várias hipóteses de qual poderia ser a composição do produto e o mecanismo de ação na pele. Nicolas precisa daquele sabão, ele quer ser o milagre dos avós e a cobaia dos pais. Ele quer se tornar mais branco e mais feliz como a mulher no cartaz, como a família que come margarina. Ele se sente pronto para abandonar os familiares e amigos que compartilham da mesma dor ou cor, ele quer uma vida mais límpida.

O juvenzinho entra na loja e procura o sabão entre as prateleiras, agitado, constantemente vigiado pelos olhos-câmera dos funcionários. Fiquem de olho, ele vai roubar. Dez reais uma barra de sabão pequena? Contém um tal de ácido kójico. Deve ser por isso. Leva as mãos aos bolsos em busca do dinheiro que os pais tinham lhe dado para comprar algo na cantina

da escola. Fiquem de olho, está armado. Uma nota de 20 reais, poderia comprar duas barras, porém precisa testar a eficácia. Eu quero levar este sabão. O rapaz do caixa entrega o troco ainda desconfiado.

O garoto aguarda até que esteja sozinho em casa e tranca-se no banheiro. Duas voltas na chave. Nicolas desembulha a embalagem do sabão com cuidado, apreciando cada dobrinha do papel manteiga, sentindo aos poucos o aroma de erva doce que escapa da embalagem e chega em suas narinas. Observa o sabão retangular, de um azul bem claro, aspecto meio glicerinado, com as letras “B”, “A”, “Y”, “E” e “R” gravadas em alto relevo sobre um dos lados. A princípio, o sabão parece-lhe como qualquer outro, como os que a mãe utiliza para lavar os jalecos encardidos ou para lavar as panelas engorduradas. Eleva o sabão com uma das mãos e o olha contra a luz da lâmpada. Identifica pequenas bolinhas esverdeadas no interior e um estranho brilho sobre sua superfície que, por alguns segundos, lhe faz quase acreditar que se tratava de uma barra de metal ao invés de uma barra de sabão.

Antes de abrir o chuveiro e se ensaboar por completo, Nicolas prefere fazer um teste em uma pequena região da canela. Molha-a com a água da pia e esfrega delicadamente o sabão na região, movimento suficiente para gerar uma grande quantidade de espuma de tonalidade ciano. O aroma de erva doce foi dando lugar para o cheiro desagradável de derivados de enxofre. Faz uma pausa para verificar se a pele não está mais marrom. A tonalidade achocolatada permanece intacta. O suor escorre sobre a testa.

Nicolas volta a esfregar a região com o sabão, desta vez aplicando toda a força que é capaz, chorando ou esbravejando ou soltando murmúrios de ódio ou de lamentação. De repente se dá conta que está sentindo somente o sabão em suas mãos e não está mais sentindo a pele da região da canela sendo esfregada. Passa água para remover a espuma e encontra um buraco na canela. A tonalidade marrom tinha finalmente sido lavada, removida. No entanto, não existe mais pele, nem marrom nem branca nem de qualquer outra cor: não há mais carne. O buraco que se formara não é um ferimento, não contém sangue, não contém tecido muscular ou osso expostos: é um nada. Ele leva o dedo indicador até a região e a penetra com facilidade. Sua pele não se tornara transparente, ela havia desaparecido.

Nicolas está confuso, com receio daquela fenda que tinha se aberto em sua canela, está confuso, satisfeito pela remoção da tonalidade marrom. Não sente mais aquela parte do corpo lhe incomodar porque não sente mais nada naquela região. Abre o chuveiro e se põe embaixo dele, fechando os olhos, sentindo a água umedecer cada parte do seu corpo magrelo. Este é seu batismo nas águas da ciência? Esfrega com força o sabão nos cabelos encaracolados

com uma das mãos enquanto a outra espalha pelo rosto a espuma que se forma. Esfrega o peito, as pernas, as costas, o íntimo, as pernas, cada dedo do pé, sempre de olhos fechados, será surpresa.

Quanto mais se esfrega, quanto mais sente a textura macia da espuma lhe cobrir o corpo, quanto mais forte se torna o cheiro de enxofre, mais ele se esquece. Ele se esquece e não sabe do que se esquece. Talvez esteja se esquecendo de pensar, de chorar, de sentir amor pelos pais, de ter raiva dos alunos que tanto o incomodam. Ele está se esquecendo de onde veio e para onde vai. Esfrega mais. Seu organismo se esquece de si, o coração se esquece de bombear sangue, o sangue esquece-se de ser sangue, o cérebro esquece porque perde a mensagem dos nervos e neurônios, que se esqueceram. Ele não sente mais e não sabe o que está deixando de sentir. Esfrega mais. Ele todo estoura como as bolhinhas de sabão.

Horas depois, os pais de Nicolas precisaram arrombar a porta do banheiro após chamarem por um filho que não respondia. Encontraram o chuveiro aberto, uma barra de sabão no chão cheia de espuma e nenhum vestígio do filho. A água fluía feroz para dentro do ralo.

# RACISTA, EU?

Fernanda Massi

Nunca me considereei racista e não me lembro de ter tido atitudes racistas conscientes, com o objetivo de humilhar, ferir, machucar o próximo.

Na primeira série do ensino fundamental (hoje 2º ano), eu estudava em um colégio particular com bolsa integral e me sentia discriminada pelos colegas de classe em função da minha pele morena, do meu cabelo crespo e, também, da pobreza em que minha família vivia. Embora eu não me considerasse negra, minha pele era mais escura do que a deles (todos extremamente brancos, quase pálidos), só o meu cabelo não era liso e o carro da minha mãe era o mais velho da escola.

Na quarta série, já em uma escola pública, tive uma grande amiga com quem eu realizava todas as atividades: Elizama. Por ela ser negra e ter o cabelo muito mais crespo do que o meu, eu conseguia visualizar melhor o que era a discriminação que ela sofria, mesmo os alunos tendo condições financeiras precariamente parecidas. Percebi, então, que o preconceito que eu sofria na escola anterior deveria ser muito mais pela minha condição econômica mesmo...

Senti uma dor estranha quando levei Elizama na casa dos meus avós e vi o olhar de repulsa do meu avô: um homem branco, hetero, de classe média, cheio de machismos, preconceitos, racismos e discriminações que talvez ele nem sabia que nutria e mantinha. Foi uma situação bem estranha porque eu amava muito ele e sabia o quanto ele nos amava e nos respeitava. Não conseguia entender e aceitar que ele não pudesse respeitar a minha amiga “negrinha”, como ele dizia.

No colegial (ensino médio), ainda em escola pública, tive um debate acalorado com a professora de história, a querida Nazaré, tentando explicar por que eu era contra as cotas raciais na universidade. Obviamente meus motivos eram muito mais pessoais (ou individuais) do que sociais: a escola onde eu estudava era péssima, mas eu tinha o sonho de entrar na universidade pública e achava que alguém poderia “roubar minha vaga” utilizando as cotas. Quanta ingenuidade numa pessoa cacheada... quem disse que aquela vaga era “minha”?

Nazaré se esforçou muito para tentar me explicar por que as cotas faziam todo o sentido, mas eu não estava mesmo disposta a entender. Afinal, eu só pensava na “minha” vaga e no quanto eu me sentia injustiçada por ser pobre e ter que estudar naquela escola. Oh, que tragédia! (contém ironia)

Ao final do colegial, eu prestei vestibular e passei em 3 universidades públicas, sem precisar das cotas raciais (naquela época, ainda não existiam as cotas sociais). Tive o privilégio de escolher em qual universidade eu gostaria de estudar, pois consegui garantir “minhas” 3 vagas! Meritocracia total, claro! (contém ironia)



Muitos anos depois, em conversa com uma amiga admirável, mulher forte, engajada, politizada e antirracista, Mariana, contei para ela sobre o episódio da primeira série. Na época, havia muito o debate sobre a autodeclaração e eu me perguntava o que fazia alguém se declarar negro? Por que eu não me senti à vontade de “entrar na onda” e prestar vestibular com as cotas? Será que eu poderia (ou até deveria) me declarar negra?

Muito pacientemente, Mari me explicou que, para se autodeclarar negro, você precisava se identificar com a raça, a cor, o cabelo, os hábitos, os costumes, o povo! Não havia um parâmetro muito claro (como aquela piadinha vergonhosa “passou de 11:30, é meia-noite”) e, também, não se poderia negar a identidade a alguém que se reconhecesse como negro. Ou seja, se eu quisesse me declarar negra, por livre e espontânea vontade, caberia à minha consciência a resposta e ninguém poderia me negar isso. Parecia fácil, na teoria...

Entendendo um pouco mais do assunto, eu continuava não me considerando negra. Embora meu bisavô fosse negro e eu tivesse essa herança no sangue, não achava justo eu me considerar negra, já que minha história tinha sido tão leve diante das minhas colegas. Mas isso também não significava uma negação das minhas raízes, afinal, num país tão miscigenado como o nosso, é raro alguém que não tenha algum descendente negro. Eu só achava que a questão da autodeclaração não poderia ser usada como “muleta” por mim. Não era justo!

Passei a vida carregando essas questões e tentando entendê-las de forma a evoluir o debate na minha cabeça. Foi só com a leitura da obra *Pequeno manual antirracista*, da Djamila Ribeiro, que encontrei as pontas dos nós. O primeiro ponto que me tocou com a leitura foi reconhecer e admitir que sim, eu sou racista! (vergonha) Por mais que eu não queira ser ou não tenha uma compreensão muito clara do quanto isso afeta o outro, essa é a realidade. Isso foi construído em minha formação, educação e reforçado em algumas relações sociais.

“Ah, então é tudo culpa da sociedade! Somos todos racistas!”

Sim, não deixa de ser verdade, porém, importa menos saber quem é o culpado e mais saber o que eu posso fazer hoje para reverter essa situação. Se o primeiro passo é admitir que sou racista, vamos lá! E agora? O que mais pode ser feito? Como? Quando? Quem pode me ajudar nesse debate? O que eu tenho a acrescentar nessa discussão? Como eu posso ajudar a combater o racismo?

Confesso que essa desconstrução é um processo diário, doloroso e custoso, mas que não pode deixar de ser feito nem um dia sequer. É preciso rever posicionamentos, piadas, expressões, olhares, julgamentos, comportamentos, músicas... sim, dá muito trabalho! E só dá muito trabalho porque esse problema é gigantesco! Se fosse simples, era só passar uma borracha e seguir a vida, mas infelizmente não é!

O racismo traz impactos individuais e coletivos. Não estamos falando apenas de situações delicadas e conflituosas, de falta de oportunidades, de olhares desconfiados... Estamos falando de assassinatos, de pessoas negras sendo ceifadas de vidas! Como explica a brilhante Djamila Ribeiro, o racismo é estrutural em nossa sociedade, ou seja, ele está entremeado no modo como a gente se organiza, se relaciona, se respeita...

Resolvi escrever esse texto não porque eu tenha orgulho dessas histórias. Pelo contrário, eu tenho é muita vergonha de ter passado por isso... vergonha por mim, pela minha família, pelos meus amigos... porém, acredito que falar sobre isso é o primeiro passo para fomentar o debate. O racismo é “ensinado” desde cedo, já que ninguém nasce racista.

Peço desculpas pelas situações aqui expostas, independente de quem tenha a culpa por elas. Espero muito que os diálogos decorrentes dessa leitura possam ser úteis para que a gente fale mais sobre isso e encare esse problema como algo grave, perigoso, contagioso e que precisa urgentemente ser combatido!

Não se trata de um problema novo e, por isso, não acredito que será resolvido enquanto eu estiver viva. Ou seja, não sei se conseguirei ver uma sociedade não racista. Porém, preciso deixar a minha contribuição para a sociedade e mudar minhas atitudes cotidianas. É um trabalho de “formiguinha”, que cada um de nós precisa fazer no seu círculo social, na sua comunidade, na sua família, no seu entorno.

É mudando posturas que a gente consegue ser exemplo e não apenas ser discurso.

# INDICAÇÃO DE LEITURAS

# LIVROS E E-BOOKS ANTIRRACISTAS

## *E-books gratuitos*

<https://www.letraria.net/as-descobertas-de-kito/>

<https://www.letraria.net/minha-mae-usa-touca-de-cetim/>

<https://www.letraria.net/cartinhas-para-a-mala-maluca-da-vovo-zenilda/>

<http://www.letraria.net/onde-estaes-felicidade/>

<http://www.letraria.net/desumanizacao-na-literatura/>

<https://www.letraria.net/a-mala-maluca/>

<https://www.letraria.net/cota-nao-e-esmola/>

## **Livros**

<https://loja.letraria.net/produto/a-mala-maluca-da-vovo-zenilda/>

<https://loja.letraria.net/produto/minha-mae-usa-touca-de-cetim/>

<https://loja.letraria.net/produto/aqui-nao-e-um-paraiso-mas-e-muito-bom/>

## **Sites**

<https://www.mulheresnegrasnabiblioteca.com.br/>

<https://www.portalafro.com.br/>

[http://www.letras.ufmg.br/literafro/](http://www.letras.ufmg.br/literaфро/)

<https://www.abpn.org.br/>

# **SOBRE OS AUTORES**

## **CARLOS S. LEONARDO JR.**

É químico de formação, mas os seus reagentes têm sido as palavras. É mestrando em Educação para a Ciência, se interessa pela relação entre a Ciência e a Arte e por distopias e ficções científicas.

## **FERNANDA MASSI**

Formada em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) de Araraquara, fez mestrado e doutorado em Linguística e Língua Portuguesa nessa mesma instituição. Após concluir o doutorado, foi professora substituta na UNESP Araraquara e na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Sempre voltada ao mundo das letras, fundou a editora Letraria em 2013. Em 2016, fez estágio de pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) sobre a redação do ENEM. É autora de 4 livros: *A redação (além) do ENEM*, *Fenômenos linguísticos: a língua como ela é*, *O romance policial místico-religioso: um subgênero de sucesso* e *O romance policial do século XXI: manutenção, transgressão e inovação do gênero*. Além disso, organizou a obra *Desumanização na literatura* com Patrícia T. Nakagome. Também fez a tradução do livro *Corps et sens*, de Jacques Fontanille, que foi seu orientador de doutorado em estágio realizado na França. A versão brasileira foi publicada com o título *Corpo e sentido* pela EdUEL e revisada por Adail Sobral. Atualmente, Fernanda é editora e youtuber no canal da Letraria: <https://bit.ly/3tcv4ky>

## **CINTIA ALMEIDA DA SILVA SANTOS**

É mãe, corredora, esposa, influenciadora digital, doutora em Ciência, tecnologia e Sociedade, pesquisadora, bibliotecária no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e idealizadora do Projeto Soulcrespa: @soulcrespa2020. É autora do livro infantil *Minha mãe usa touca de cetim* e do e-book *Comunidades de Prática em Gestão do Conhecimento na pesquisa universitária paulista*. Ambos estão disponíveis para *download* gratuito no site da Letraria: <https://www.lettraria.net/ebooks/>

## **MARCEL SANTOS**

Possui Doutorado em Ciências da Educação na Universidad Interamericana (em fase de reconhecimento), Mestrado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), possui especialização/MBA em Gestão de Unidades de Informação pelo Centro Universitário Central Paulista (2009) e graduação em Ciências da Informação e da Documentação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (2007). Atualmente é bibliotecário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - *Campus Araraquara*, atuando principalmente nos seguintes temas: educação; políticas públicas; ações afirmativas; produção científica, avaliação de desempenho, biblioteca escolar, divulgação científica, políticas de ciência e tecnologia. É autor do e-book *Cota não é esmola: ações afirmativas no IFSP*, disponível para *download* gratuito no site da Letraria: <https://www.lettraria.net/ebooks/>

Publique com a gente e  
compartilhe o conhecimento



[www.letraria.net](http://www.letraria.net)



 Letraria®

